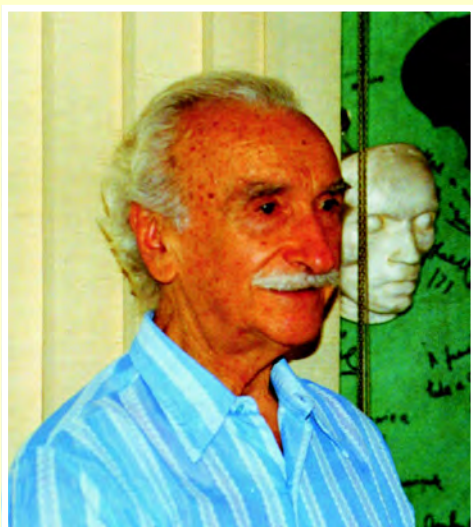


Entrevista com Jaques Niremborg



Natural da Cidade do Rio de Janeiro, Jaques Niremborg é um personagem muito especial na nossa cultura, sobretudo para aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele, absorvendo um pouco da capacidade do ilustre médico psiquiatra e ainda mais do professor e músico. Violinista do quarteto brasileiro, percorreu o mundo, apresentando-se nos mais elevados centros culturais da Europa, de Israel e do Continente americano.

Considerado um dos melhores no gênero, por diversas vezes foi condecorado; destacamos a medalha da Ordem do Rio Branco e a medalha do Pacificador.

Foi diretor de atividades supletivas do Ministério da Saúde e diretor técnico no Hospital Pinel, onde iniciou as experiências com a música para doentes mentais e introduziu a musicoterapia nos hospitais psiquiátricos.

Atualmente, exerce a função de presidente da Academia Nacional de Músicos do Rio de Janeiro, e é também coordenador do Centro de Estudos do

Cérebro e da Mente, além de assessor da Fundação Cultural Exército Brasileiro, onde tem sido um valioso colaborador nos espetáculos musicais apresentados no Museu Militar Conde de Linhares.

Segue a nossa entrevista, para que nossos leitores conheçam algumas peculiaridades do Professor Niremborg.

O que o levou a se interessar pela música, sendo já um médico psiquiatra conceituado?

Não é bem o caso; se permite, eu inverteria a pergunta. Antes de ser médico, já era músico, e bem conhecido. A minha família tem uma tradição musical de longa data. Não sei antes, mas o meu avô era músico e cantor litúrgico. O meu tio-avô era mestre-de-capela do czar da Rússia. Meu pai, além de cantor litúrgico, tocava violino e lecionava música. Minhas irmãs tocavam piano razoavelmente e uma cantava. Meu irmão era um músico ilustre: compositor, maestro, violinista, violista e professor de música de câmara conceituado. Portanto, era normal que eu seguisse a trilha dos Niremborg desde tenra idade. Depois, tendo organizado melhor minha vida econômica, passei a estudar medicina, bem mais dispendiosa que a música.

Como foi o seu envolvimento com a música na medicina?

O fato de ser a música uma constante na minha vida, acompanhando-me desde o berço, era natural que ela tivesse despertado meu interesse para outros fins como educação e cultura, por exemplo.

Quando médico psiquiatra do Hospital Pinel, procurei usar a música com fins terapêuticos. Foram experiências bem interessantes, justamente por ser médico e músico. Fundado o Curso de Musicoterapia, fui convidado para ser professor de psiquiatria e passei a desenvolver os recursos terapêuticos com uma equipe que estava se especializando, introduzindo assim a Musicoterapia nos hospitais psiquiátricos. Esse trabalho foi muito gratificante e a Associação Brasileira de musicoterapia, liderando o meio acadêmico especializado, fez com que eu fosse publicamente reconhecido, ao distinguir-me com o título de Benemérito, juntamente com as Dra. Nise da Silveira e Helena Antipoff.

Pela sua experiência como médico, qual a sua opinião sobre o relacionamento da música com o desenvolvimento integral da personalidade humana?

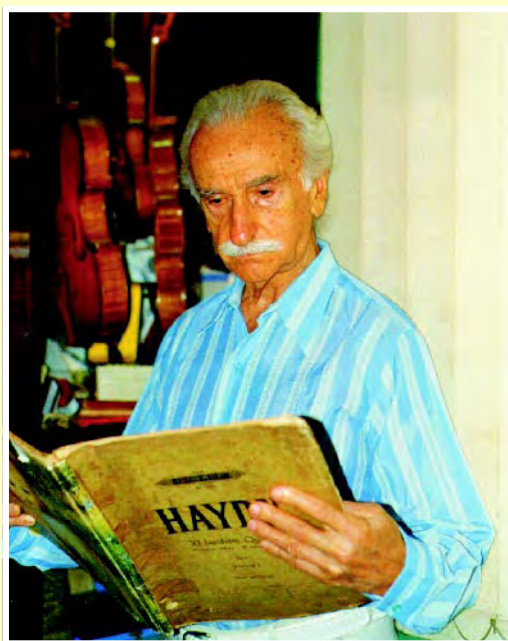
Houve época em que se “ensinava” música nas escolas. Digo *ensinava*, entre aspas. Os professores não seguiam um programa que fosse de interesse para as crianças. Não eram especializados pedagogicamente. Apesar de eu ter sido totalmente criado em um ambiente de música, desejava fugir dessas aulas; não sentia o menor interesse, devido a maneira como eram ministradas.

Uma boa estruturação, professores qualificados, um programa adequado, seriam suficientes para despertar interesse, fazendo com que os escolares de então soubessem apreciar o belo que a música contém. Não existe criança que possa não gostar de música, como não existe criança desafinada por não saber entoá-la; ela pode não entender, pode não ser levada a apreciá-la devidamente. Pode ser mais ou menos dotada. Quando os responsáveis pela educação e organização dos programas de ensino nas escolas forem suficientemente capacitados, e mais bem preparados culturalmente, estou certo que será bem diferente o ensino, mormente da música. A música deve ser motivo de prazer, de alegria e inte-

resse; deve despertar a vontade de apreciá-la. Ela é o fiel da balança de um ensino equilibrado que, sem esforços, leva a cultura para as massas.

O desenvolvimento integral de um ser humano depende da sua educação. É bastante difícil afirmar-se que existe alguma diferenciação entre educação musical e esse desenvolvimento.

Sabemos, por experiência própria, que aqueles que tiveram alguma iniciação musical demonstraram grande evolução cultural com um desenvolvimento mais integralizado, mais completo. Platão dizia que a



educação deveria basear-se, principalmente, em ginástica e música. A ginástica para a disciplina do corpo e a música para o espírito. A educação sem o estudo da música seria, ou melhor, é uma educação deficiente e incompleta. Conscientemente ou não, a música faz parte de cada criatura humana.

O que é preciso para o crescimento da música erudita no Brasil?

Mais divulgação! Divulgação acessível ao bolso de todas as classes sociais. A música erudita é responsável pela melhora do desenvolvimento intelectual

e psíquico e deve ser mais difundida. Ela tem um poder extraordinário e um potencial que não está sendo devidamente aproveitado.

Dr. Don Campbell, fundador, *na Califórnia*, do Instituto de Música, Saúde e Educação e autor do livro *The Mozart Effect*, escreve que a música melhora o humor e a memória. Ouvir música erudita é imprescindível para estimular os lobos temporais, trazendo tranqüilidade, contemplação e paz. Na psiquiatria já se constatou, de longa data, os seus efeitos curativos. Pesquisadores da Universidade da Califórnia, em recente trabalho, demonstraram que ouvir música erudita como Mozart, por exemplo, melhora a capacidade de aprendizado visual e espacial. Depois de ouvi-la, diariamente, durante dez minutos, um grupo de trinta e seis estudantes de psicologia submeteu-se a uma bateria de testes com uma equipe de professores e psiquiatras, que constatou, como a matemática e o xadrez, que dependem de elevada capacidade intelectual do cérebro, tiveram desenvolvimento. Constatou também, por esses estudos, como a música mais primitiva, rítmica e repetitiva, leva a uma estagnação intelectual. Em outro estudo, para constatar a habilidade espacial, esses psiquiatras procederam a testes que comprovaram a eficácia da música erudita no aproveitamento dos estudos. Para um grupo de estudantes, usaram a música erudita, para um outro, a música variada e para um terceiro, o silêncio. Eis o resultado: para os que ouviram a música erudita, melhoraram o seu padrão em 62%, para o grupo do silêncio, em 14% e o da música variada, somente 11%! Prosseguindo, observaram os cientistas que, nos dias subseqüentes, os grupos da música erudita melhoravam progressivamente a sua pontuação, enquanto os demais regrediam. Creio ser desnecessário acrescentar algo mais à importância da música erudita.

Os que têm a ventura de freqüentar os concertos no Museu Militar Conde de Linhares, devem ter tomado conhecimento dos diversos conjuntos musicais e grupos artísticos que lá são apresenta-

dos – muitos vindos da periferia, de classes sociais menos favorecidas – e podem ter constatado o poder da música no seu desenvolvimento intelectual, psíquico e social.

Seria desnecessário acrescentar algo mais a essas observações e constatações dos meios científicos, não fosse o desconhecimento desses fatos por parte daqueles que têm a possibilidade de incentivar o estudo musical nas escolas. Seria muito menos oneroso o estudo da música e a sua apreciação, possibilitando o acesso de escolares aos centros de apresentação musical, do que tentar reabilitar jovens em Institutos onde são mais marginalizados e perdem toda a auto-estima.

A música erudita precisa de divulgação e acesso fácil, para crescer e cumprir a sua parte educacional.

A Lei Rouanet tem trazido benefícios para a projeção das orquestras sinfônicas no cenário artístico-cultural em nosso país?

A Lei Rouanet é importante, assim como tentativas anteriores que tiveram como objetivo o incentivo fiscal. No entanto, ainda está longe de ser uma realidade e de fácil acesso para o artista ou para as orquestras. Devido ao exagero de burocracia, exige do artista uma dedicação e atenção a fatos que lhe são alheios e dos quais deve ser poupado, para poder dedicar-se integralmente aos estudos. Mas, mesmo assim, essa lei vai cumprindo a sua missão, possibilitando que lugares carentes sejam atingidos e tenham também a oportunidade de conhecer, ouvir e apreciar uma orquestra sinfônica.

Uma orquestra boa é cara; jamais poderia ser apresentada em cidades do interior, não fosse a Lei Rouanet. É fácil de se imaginar o que significa transportar cerca de oitenta artistas e seus instrumentos, alimentá-los, hospedá-los devidamente e custear o seu deslocamento. Sem a Lei Rouanet não seria possível tal proeza. Ainda muitos anos se passarão até que se modifique a Lei, facilitando a contribuição e o



incentivo de todo cidadão, de toda pessoa física, sem tanta burocracia... E por outro lado, todo cidadão deveria ter conhecimento que, ao contribuir, está favorecendo a divulgação, o crescimento, a formação e a projeção de orquestras, ajudando o ensino e o saber, fazendo ressurgir a cultura.

Qual a sua opinião com respeito à criação de uma banda sinfônica pelo Exército?

Uma banda sinfônica é uma necessidade. É uma forma de divulgar a boa música, de fazer ressurgir o repertório, retirando-o do ostracismo, e de cumprir um importante papel: o de educar e despertar o civismo. Seria mais um incentivo para o despertar da cultura, educação e saúde.

Referi-me acima às experiências que comprovam o valor terapêutico da música. Aqui eu acrescentaria também o valor social. Seria um gasto pouco oneroso em relação ao benefício que uma banda sinfônica poderia trazer. Não só para os que virão assisti-la, como para os próprios executantes com relação ao seu progresso individual, e para a coletividade.

A Universidade da Califórnia vem se dedicando com afinco ao estudo não só do valor da música

como terapia, como também de seus efeitos para recuperação intelectual e social dos indivíduos.

Tive a oportunidade de visitar esses centros de estudo, onde equipes de psicologia se entregam à pesquisa dos diversos fenômenos aqui abordados. Os cientistas, Shaw, Rausher e outros, falam da importância de se apreciar a música e fazer tocar um instrumento musical. Durante certo tem-

po acompanharam jovens e crianças que fizeram com que estudassem um instrumento musical, e aprendessem a tocar uma melodia de um autor erudito. Depois de seis meses, notaram que a sua capacidade de aprendizagem e inteligência melhorou em mais de 36% em comparação com os jovens que não aprendiam música e não tocavam em banda!

Recentes relatos de professores que examinaram jovens nas faculdades americanas, comprovam que, aqueles que cultivavam a música e tocavam algum instrumento musical, obtinham uma pontuação maior em cinquenta e um pontos, principalmente em matemática.

Em 7.500 universitários observados, essas equipes de pesquisa concluíram que aqueles que estudavam ou haviam estudado música conseguiam as melhores posições.

Aprender um instrumento musical e cultivar a boa música em qualquer idade, influi no desenvolvimento e na ativação dos neurônios dos lobos temporais, responsáveis por um desempenho melhor das suas habilidades, e contribui a aplacar a violência.

Essas conclusões por si só, bastariam para incentivar a formação de bandas sinfônicas.